

11425 14
1-2

+

AMADOR BUENO

—k

OU

A CORÔA DO BRAZIL

EM 1641,

6

DRAMA EPICO-HISTORICO AMERICANO,

Pelo Autor de Sumé e de outras composições litterarias.

Francisco Adolpho de Varnhagen



A acção se passa na outr' ora villa de S. Paulo, no Brazil.



MADRID: 1858.—Imprenta del ATLAS, á cargo de D. A. Perez Dubrull, calle de San Bernardino, 7.

Deste drama, esboçado desde 1841, e (ainda em embrião) confiado a alguns amigos em 1845, se fez em 1847 uma edição particular, no intuito de obter algumas cópias (mais fieis e mais limpas do que poderia subministral-as qualquer amanuense) em quanto o mesmo drama se não melhorava e castigava devidamente, para ver a luz pública. Uma dessas cópias impressas foi entretanto levada á Augusta Presença de Sua Magestade Imperial o Senhor Dom Pedro Segundo, com uma dedicatória concebida proximamente deste modo: «Senhor: O assumpto desta composição envolve o pensamento da unidade do Brazil em virtude da aclamação geral nelle da Casa de Bragança.—V. M. I., hoje Representante desta Casa e Symbolo da integridade do Imperio, a honraria sobremaneira Dignando-se de ser della indulgente Protector.—Seja-o, Senhor!—E outorgue V. M. I., desta forma, sua alta protecção ao autor—De V. M. I.—subdito fiel e humilde.—F.»

Beijando reconhecido a Augusta Mão do Mecenaz Soberano que propiciamente acolheu o *pensamento* desta composição, cumpre-nos acrescentar que os retoques com que nos persuadimos haver logo depois melhorado o drama, tal como ora o publicamos, consistem principalmente na redução delle á tres actos, e em varios córtzes desapiedados, que por certo contribuirão a fazer sobresair a unidade da acção, isto é do grande feito tradicional de 1644, que se associará para sempre á Corôa do Brazil.

Quanto ao assumpto historico podem consultar-se as *Memorias* de Fr. Gaspar da Madre de Deus, pag. 109 e 127, e (nas notas) pag. 119 e 122; o *Vale-rosos Lucideno* de Calado, pag. 101; e tambem a *Historia Geral do Brazil*, tom. 1.º, pag. 408.

As coplas que no texto se hão de citar por números (de 1 a 15), so proprias para o canto e musica, se imprimirão á parte.

PERSONAGENS.

AMADOR BUENO.

LUIZA, sua filha.

DEODATO D'ALBUQUERQUE, pernambucano, amante de Luiza.

D. ABBADE DE S. BENTO.

NOVIÇO, ANDRÉ RAMALHO.

RENDON (D. João Matheus), castelhano, genro de Amador.

GARCIA CARRASCO, Escrivão da Camara.

UM AGENTE, Paraguay, amigo de Rendon.

CHICA PINHEIRA, Parda mocamba de Luiza.

ADÃO LOURENÇO, FEITOR negro.

➤ Camaristas.—Frades.—Um Capitão do matto.—Indios.—Povo.

DRAMA

AMADOR BUENO.

ACTO PRIMEIRO.

O Theatro representa uma chacra de Amador Bueno. A' direita uma casa abarracada, tendo diante um alpendre de madeira com balaustrada, e nelle uma meza.—A'quem da casa uma cancella, dando serventia para o jardim: além della o caminho que vai para a villa de S. Paulo, junto ao panno de fundo. Este de vegetação de bosque tropical-americana. A' esquerda o rio dos Pinheiros visto por entre arvores. A' beira do rio, junto ao panno de fundo, um caminho para gente a pé.

Scena Primeira.

LUIZA e pouco depois CHICA.

LUIZA *no alpendre, fazendo renda em almofada, canta pausada e melancolicamente:*

.....
.....

E tu, que este Orbe dominas,
Depara ao aventureiro
Excelsas graças divinas,
Índios mansos, ricas minas,
Mel de pau, e aipim rasteiro.

Ao que se arrosta ao certão
Para atravessar a serra
Dá-lhe um dedo por bordão;
E se o vau do rio elle erra
Por canôa dá-lhe a mão.

(Chega-se levantada á scena.)

E, Senhor, mostra-lhe aberta,
Sem tropeços, nem ciladas
Do mau gentio que acerta
Suas frechas disparadas
De peçonhas mil ervadas,
A picada que em outra era
A trombuda anta furára
Pelo mato em que prospéra
Com caxorros a jaguára,
Ou brasilica panthéra.

Ao ousado explorador,
Em quanto a ti for temente,
Se alta justiça o consente
Dá protecção, meu Senhor,
Pede-t'o uma penitente.

Sim, senhor, pede-t'o uma penitente....
Uma innocent queria elle que eu dissesse....

CHICA.

E uma innocent dirieis melhor, meu anjinho do Ceu. E Deus, que vê tudo, bem saberá a santinha que em vós tem.

LUIZA.

Ah! Estavas ahí, Chica!

CHICA.

Estava, estava: e hei de estar sempre onde estiver a minha senhorinha. Se hei de! Só se não poder.

LUIZA.

Bem sei que és minha amiga, Chica.

CHICA.

Se o sou! A vossa Chica Pinheira, que vos recebeu em seus braços quando acabaveis de nascer.... Un! un! *(Rindo.)* Ereis assim.... *(Figura com as mãos.)*

LUIZA.

Não sabes? Gosto que me digas isso.

CHICA.

E que desde então inda se não passou

um dia que vos não visse... Mas hoje sois já uma senhora moça.... desdenhosa de ser innocente.... Que eu se fosse chamada a dar conselhos, nem innocente, nem penitente!

LUIZA.

Então como havia de dizer?

CHICA.

Como? Não repitíreis mais essa canção de meus pecados. Sabeis tantas castelhanas....

LUIZA.

Mas qué? Gosto mais desta.

CHICA.

Quereis dizer do seu autor, que se enfiava, não sei porquê, sempre que ouvia a lingua castelhana.

LUIZA.

Chica!.... (Como exigindo compaixão.)

CHICA.

Um ingrato, que vai trocar a vossa companhia pela de uns poucos de frades!...

LUIZA, enxugando os olhos.

Ai Chica! Deixa-o em paz. Esta canção, com que eu n'outro tempo orava por aquelle que se expunha a perigos, para depois me offerer a mão, e com ella uma fortuna honesta, repito eu hoje para rogar a Deus pelos que a tantos azares andam expostos.

CHICA.

Eu por mim não casava com um desses certanejos, ainda que me doirassem. Eu não!—Antes com um preto, mil vezes!

LUIZA.

Pois é uma nobre ambição, a delles. É pelas terras dentro, e com mais risco, a que tinham nossos avós pelos mares no seculo passado....

CHICA.

Mas sempre são manias!—Andar assim exposto a morrer afogado, ou a ser comido dos bichos, e sempre de volta com o gentio! Ih Jesus!

LUIZA.

Por um lado tens razão; mas seja a alma boa, que perigos encontra o homem por toda a parte. Vida de prazeres puros e socogados não na ha. Ainda ha pouco ouvi que esta madrugada se aproximaram aqui do sitio alguns indios bravos....

CHICA.

Ai! Credo! (Canta a copla 1.ª)

LUIZA.

Será o que Deus quizer Chica. Mas ao Paraguay curador delles, a quem, como sabes, meu pai negou redondamente a minha mão, não duvidei de prometter pedir, que elle os proteja.

CHICA.

Pois se chegam a ter o senhor Amador Bueno por seu protector, têm este povo

todo. Sempre nesta terra gosa de tal influencia, que pôde mandar como rei. E o que negará o senhor ao seu ai-jesus? Mas parece-me que elle ahí está de volta.

(Luiza se dirige para Amador, que vem do caminho da villa (à direita), com botas de couro branco até os joelhos, esporas de prata, chapéu desabado e poncho—Chica retira-se.)

Scena Segunda.

LUIZA, e AMADOR com um FEITOR negro.

AMADOR, para ao entrar na scena, voltado para o Feitor com o chapéu na mão.

Pois então esta dito: hoje não conteis mais comigo no Engenho: é tratar de enxugar melhor aquelle assucar, que tem de ir para o embarque, e o capataz que não se esqueça á manhã de parar rodeo e de dar sal a toda a cavallhada. Está bem: mais nada. (Pausa, e dá dois passos, sem reparar em Luiza; e indo o Feitor já retirado prosegue:—) Esperai: ouvi cá. (Mais baixo:) Foram já entregues na villa aquellas rezes, que mandei dar ao hospital da misericórdia?

FEITOR.

É verdade que ainda não poderam ir: não, senhor, não houve tempo.

AMADOR.

Qual, não houve tempo!.... Pois que não passe de hoje.

FEITOR.

Sim, senhor.

AMADOR.

Scio! Ouvis?—Cuidado com a recomendação.—Nem palavra a respeito de quem as manda.... Adeus.

FEITOR.

Sim, senhor. (Vai-se.)

(Canta Amador.—Copla 2.ª)

LUIZA.

Sua benção, meu pai. Pensei que estaveis mal comigo.

AMADOR.

Pois não, filha. Como tenho por isso tanto motivo. (Rindo.) E que dizes a respeito da pretensão do nosso hospede Deodato d'Albuquerque?

LUIZA.

Nem me tinha lembrado mais delle.

AMADOR.

Vamos: quando me ausentei aqui t'ò deixei e mais a tua Chica, e então....

LUIZA.

E então eu disse para a Chica que cobicava tanto um ramalhete de flores do mato....!

AMADOR.
E elle foi por ellas; está claro.

LUIZA.
E nós duas ficámos livres delle.

Másinha!.... Abusares assim da certeza de que, só para te satisfazer um apetite, o moço havia de ir metter-se ao mato....

LUIZA.
Não, meu pai, não foi por má:—mas elle entrou a buscar rodéos:... eu percebi logo onde iriam parar....

AMADOR.
Em fim, faze o que entenderes; mas não te esqueças que lhe prometti para amanhã uma resposta decisiva.

LUIZA.
Pois se fosse eu dava-lh'a hoje.

AMADOR.
Então, decides-te?

LUIZA.
A dizer-lhe que não.

AMADOR.
Como quizeres; mas acho que o teu mesmo não que seja, melhor, é dal-o amanhã.

(Copia 3.ª)
Está dito: e até logo, minha santinha, que eu não tardo. (Luiza beija a mão de Amador, e vai para casa, até onde este a acompanha: e prosegue:) Pobre pequena! Um que ella tanto estimava, e que a estimava tanto, a metter-se frade! Deus sabe o porquê! O outro que morre por ella, nem vel-o quer! Isto sem contar o tal Paraguay, mal encarado, amigo de meu genro. Quererá a estas horas metter-se freira? Isto de raparigas são tão incompreensíveis!

(Copia 4.ª)

Scena Terceira.

AMADOR e o AGENTE, vindo do fundo á beira do rio, procurando não ser visto de Amador que o reconhece.

AMADOR.
Por cá? Nobre Paraguay! Não quer descançar?....

AGENTE.
Agradecido. Vim de passeio, e já volto para a villa: não gosto de ser importuno. Sei que ha hoje aqui uma conferencia para tratardes acerca das noticias da revolução em Portugal, e que vos occupareis dos Padres que estão expatriados....

AMADOR.
As intenções são todas conciliadoras; o nosso fim era ver o modo de os admittermos outra vez ao cabo de oito mezes de desterro. (Pausa.) Sim, oito mezes: foi

sua expulsão meado Julho do anno passado de 640....

AGENTE.
Com effeito foi uma expulsão ingrata. D'entre os povos da Europa, que não lhes devem tanto, inda nenhum ousou tal.

AMADOR.
Grata ou ingrata foi urgente para a tranquillidade da terra: mas não façamos disso questão. Como vão os indios, de que sois curador?

AGENTE.
Entendo: não vos agrada muito o campo de batalha: com isso justificaes o boato de que tambem collaborastes....

AMADOR.
Fiz então, como sempre o que cri do meu dever. Veremos o que hoje se decide.

AGENTE.
Perdoai, senhor; que bem sei que não ha thesouros no mundo que mudem opiniões de homens como vós. (A' parte.) Eu a farei mudar! Mas... ahi vem os vossos companheiros: permitti que me retire.... (Vai-se: e esconde-se a espreitar do lado do rio.)

AMADOR.
Como vos praza. (Saída-o.)

Scena Quarta.

AMADOR, RENDON e CARRASCO.

RENDON, rindo.
Ha! ha! ha!—Ora sempre sois muito credulo. Não é má historia, homem!

CARRASCO.
Pois assim o escreveram outro dia ao Presidente da Camara. Na Bahia tem isso dado que falar.

AMADOR.
Deus vos salve, meus senhores folgasões. Que temos, senhor Escrivão da Camara? (Corteja com familiaridade a Carrasco.) Adeus, meu genro (para Rendon).

CARRASCO.
Vinha eu aqui contando ao senhor dom João Matheus Rendon, a proposito de umas novidades que se ficaram rosnando na villa, o caso do sebastianista da Sé da Bahia....

AMADOR.
Então receberam-se mais noticias?

RENDON.
Confirmam-se com pormenores as que já sabiamos: O odio de toda a Hespanha ao Conde de Olivares manifestou-se em Lisboa no 1.º de Dezembro do anno passado. Vasconcellos, Secretario e Ministro absoluto da Princesa Margarida, Regenta de Portugal, foi pelo povo deitado das janel-

las do Palacio, e pode ser que a ambição da Duqueza de Bragança, de querer ser rainha ao menos um dia, venha a dar por largos seculos um, ou tal vez mais thronos, á casa de Bragança, aos herdeiros do valente D. Nuno Alvares.

A revolução parece já de todo consumada no reino, é até na Bahia e no Rio. De modo que Fernando Camargo diz que por ora não deixa a villa: que não contassemos aqui com elle, e que melhor seria irmos todos para lá, pois necessita do vosso conselho.

CARRASCO.

Por causa das dúvidas: e na villa tere-mos a conferencia que devíamos ter aqui.
(*Cantam: copla 5.ª*)

AMADOR.

Iremos já: mas, para fugir mais ao calor, melhor será que vamos embarcados: passo a dar as ordens. Ao meio dia estaremos na villa. (*Vai-se.*)

AGENTE, *á parte.*

A meio dia!—Aproveitemos a occasião. A filha de Amador cairá em refens! (*Vai-se, sumindo-se por onde veio, pelo fundo da scena.*)

CARRASCO.

Para mim o tal caso de andar um cavallo por cima dos telhados sem quebrar as telhas....

RENDON.

Ha! ha! (*Rindo.*)

CARRASCO, *formalisado.*

Tem graça, tem; mas vai saindo certo.

RENDON.

Não: mas agora sério. Eu mesmo que não dou muito credito a enguiços, tenho-me visto abalado: por ser justamente o Coronel do Terço castelhano, do qual devia haver menos suspeitas, quem tão exquisita lembrança teve.

CARRASCO.

O homem teria *mandinga*. Qualquer de nós diria em tal caso: Portugal tornará a ser reino separado quando as galinhas tiverem dentes: mas dizer elle: o Brazil e Portugal serão de outro rei....

RENDON.

Quando algum cavallo andar por cima das telhas sem as quebrar....

(*Volta Amador.*)

CARRASCO.

É o caso (*prolongado*). É apparecer logo um sem quebrar as telhas, homem! Eu por mim já digo....

(*Ouve-se o cantar dos canoieiros: musica de barcarola: copla 6.ª*)

AMADOR.

Meus senhores: quando queiram partir, os canoieiros nos esperam; pois já ouvís a sua canção.

RENDON.

Por nossa parte não seja a dúvida.

AMADOR.

Pois vamo-nos. (*Chega-se ao alpendre.*)
Luiza, minha filha, adeus!

Scena Quinta.

Os DITOS e LUIZA, com um livro na mão, marcando com o dedo quasi o fim delle.

LUIZA.

Quê, meu pai! Ide-vos? Pensava que estes cavalheiros.... (*Saída-os.*)

AMADOR.

Por certo que nos deviam acompanhar hoje; mas é forçoso agora que vamos para a villa: e então, adeus.... Senhores, vão entrando. (*Apointando para a canoa.*) Adeus, minha Luiza.

LUIZA.

Deus vos guie, meu pai. (*Beija-lhe a mão, e depois acompanha-o com a vista, em quanto a canoa não desaparece; e volta a sentar-se no alpendre.*)

(*Côro dos remeiros que se vai sumindo: como barcarola: copla 7.ª*)

Scena Sexta.

A DITA, o D. ABBADE de S. Bento e seu NOVIÇO.

NOVIÇO, ainda dentro.

A modo que senti bulha....

ABBADE, *cançado e limpando a testa.*

Não tenhaes dúvida: podeis entrar, que não está aqui.

NOVIÇO, *entrando.*

Ainda em cima do meu proceder ingrato, e cruel para com ella, fora hoje quasi zombaria apparecer-lhe.

LUIZA, *á parte.*

Escutemos.

ABBADE.

Tendes razão: sois um moço virtuoso.

NOVIÇO.

Por Deus e pelo nosso patriarcha S. Bento que procurarei não desmerecer o vosso conceito. André Ramalho só faltou a uma promessa — a ella! — e frei André da Madre de Deus espera não faltar a uma só.

ABBADE.

Quiz vir convosco neste proprio dia aos lugares de vossos antigos amores sonhar a vossa fortaleza. Vede bem, irmão, não sentis que as recordações locaes vos fazem saudades do mundo que ides deixar? Não notaes abater-se-vos o espirito, neni afracar-se-vos a carne?

NOVIÇO.

Não, Padre: a minha resolução é firme:

farei a Deus o sacrificio de tudo quanto possuí no mundo; de tudo; e até talvez da vontade de meus pais, que nunca me falaram em ser religioso.

ABBADE.

Isso é facil de dizer, irmão; mas achaves-vos com força para atravessar este mundo livre de tentações?

NOVIÇO.

D. Abbade, a resolução tenho-a firme: as forças rogarei todos os dias a Deus que m'as alente.

(*A'ria de oração, copla 8.^a*)

ABBADE.

Bem:.... porque a terdes de vos arrepende, ainda estaveis a tempo: até esta tarde que terá logar a vossa profissão....

NOVIÇO.

Padre, ha um anno que sois meu confessor....

ABBADE.

Sim; mas o arrependimento ás vezes só chega na derradeira hora; e se elle ainda chegar nas poucas que vos restam mundanas....

(*Copla 9.^a*)

NOVIÇO.

Ah! Não pôde chegar: e se chegasse eu o repilliria, que um instante de sobresalto não devia anullar resoluções tomadas com serenidade d'ânimo, depois de muito reflectir.

Scena Setima.

Os DITOS e DEODATO, com um ramallete de flores, vindo do lado do rio.

LUIZA, reparando, e á parte.

Já de volta! E logo em que má occasião!

ABBADE, á parte.

Este é o que veio para ser benedictino!....

DEODATO.

Ah! vós por aqui, D. Abbade. (*Betja-lhe o escapulario. (Saída o Noviço.)*)

ABBADE.

Logo vos conheci, mas não quiz interromper-vos.... com tão lindas flores.... Por certo que não as haverá melhores nos certões da vossa Olinda....

DEODATO.

Talvez: mas dizei-me, não quereis entrar?—Eu, ainda que hospede, em ausencia do dono da casa....

ABBADE.

Em ausencia? Quê? Não está o Sr. Amador Bueno?

DEODATO.

Nesta chakra, não: foram todos á villa em virtude das ultimas novas mais importantes. Estava eu ali rio abaixo quando passaram.

ABBADE.

Pois tratemos de descansar: eu vou para a sombra daquella arvore, sentar-me á beira do rio, a ler no Breviario.

NOVIÇO.

E eu aqui fico á vista, D. Abbade: foi-se tudo para a villa....

LUIZA, á parte.

Excepto eu!

ABBADE, *desapparecendo.*

Pois sim, sim.

NOVIÇO.

Feliz de vós, senhor, que vos regosijaes com esse ramallete.

DEODATO.

Não o nego: são destinadas para aquella que deversas me infundiu o dever com que nascemos de honrar nossas mãis, honrando a mulher.

NOVIÇO.

Feliz mortal!

DEODATO.

Desde a primeira vez que a vi.... Oh!.... esse dia ha de-me lembrar em quanto Deus me der vida!.... Foi no mosteiro de S. Bento, onde eu desde que vi era de Pernambuco ia, para ver se me acudia por accesso a resolução de professar, e cumprir assim a vontade de meus pais, que para isso me haviam para aqui mandado, e que até chegaram a alcançar de Roma um breve dispensando-me o noviciado.

NOVIÇO.

No mosteiro de S. Bento? Aquella para quem destinaes essas flores?

DEODATO.

A mesma que as desejou. Ella outra flor quasi divina com feições e roupagens de mulher, em volta da qual parece que adejam as graças todas, como adejava ainda ha pouco o beija-flor em torno destas que vão ser suas.

NOVIÇO.

Então aceita-as?

DEODATO.

Até m'as encommendou. Mas que importa? Quando, sabendo de todos os meus excessos, ainda me não lançou um só olhar compassivo ao menos, ainda me não proferiu uma só palavra consoladora! Ainda nem um desdem, nem um signal de odio decidido!

LUIZA, á parte.

As vezes todo esperanças de amor.... Coitado! Mal sabia eu que elle estava assim!

NOVIÇO.

Então por que a amaes?

DEODATO.

Porquê? Amo-a porque é para mim o typo de perfeição de todo o creado; amo-a

porque só ella tem sido já capaz de me converter todo este valle de lagrimas n'um paraizo de imaginadas delicias; amo-a porque, até sem o querer, foi ella como por um condão divino o meu anjo da guarda.

NOVIÇO.

Amigo; vêde que o delirio vos faz blasfemo.

DEODATO.

Blasfemo! Contando um successo que senti passar-se comigo? Como? Acaso não foi o mesmo Creador quem, pelas leis que estabeleceu, regulou as coisas para succeder o que a mim me succedeu? Pois repito-vos, padre, sem remorsos de blasfemo: ella foi para mim como o meu anjo da guarda! Arrebatado pela forte paixão que Deus fez que ella me inspirasse, eu senti as suas chammas devorar e consumir em mim todas as outras paixões menos nobres. Achei-me com esforço para emprezas arriscadas, que antes não tinha: senti vehementemente quanto era digno de ser amado o auctor de todo o amor: o coração palpitou-me pela primeira vez fortes pulsações de amor divino, e assim cheguei sinceramente a, amar a Deus com o amor mais puro!

NOVIÇO.

Caso para mim é esse de inteira novidade; mas Deus é tão grande e tão sabio!—Eu então, inspirado desde os meus primeiros annos pelo genio aventureiro de meu pai e avô, fiz-me como elles certanejo. Era acanhada uma villa para aquelle que vai caber n'uma cella. Logo que me vi cercado daquelles horisontes dilatados, respirei livre, e parecia-me que esta alma tocava o auge de independencia, com que fôra dotada pelo Eterno. O pensamento voava-me através das regiões celestes, e como que sem o sentir se vangloriava de tocar na immortalidade.—Outras vezes passava a observar quanto me rodeava. A um lado páramos, só limitados como os mares por um extenso horisonte, e ainda não surcados pelos ferros da industria nem pelos dos combates: ao outro expostos matos virgens d'árvores altissimas e seculares, em que o Creador parecia ter querido ostentar o mais variegado luxo de criação, como para nos confundir e humilhar a nós, mesquinhos e presumptuos architectos de torres de Babel!

DEODATO.

Chegastes assim a admirar a Divindade por todas as suas obras, como eu cheguei por uma só, a mais visinha a ella pelo espirito: Ah! Deus meu!—Não debalde doaste o misero mortal do suave balsamo do amor!

NOVIÇO.

Que dizeis?—Balsamo o amor? Quantos acharão nelle só origem de tormentos e inquietações. Sei eu de um amante que houve na terra que, ao ver-se correspondido, julgava-se o mais feliz dos mortaes: imaginava que tinha o mundo todo por seu, e que centenaes de leguas de terras que vira sem dono pelos certões que percorrera, seriam suas no momento em que fosse com gente tomar posse dellas. E que esses rios navegaveis, esses arvoredos eternos, esses campos sem fim, depois de conquistados pela industria, tudo iria depositar aos pés daquella que devia no mundo contribuir a fazel-o melhor. Sem embargo, chegou um instante em que um raio de luz, como lingua de fogo divino, lhe penetrou no fundo d'alma, e o dominou a ponto de conhecer quanto o amor o cegava, deixando-lhe ver que tal ventura era toda imaginaria, e que esses horisontes tão extensos de felicidade se encurtavam diante da razão.

DEODATO.

Que dizeis?

NOVIÇO.

Digo que então chegou a convencer-se de que o amor da mulher não lhe poderia sosinho satisfazer o vago das ambições do seu peito: que precisava ser estimulado, ou estimular elle o amor da patria e o da glória. E o tal amante, de que vos falo, achou o seu paiz em tal estado que nelle não viu azo de satisfazer dignamente estes nobres sentimentos, aliás estereis, não tendo diante de si um futuro de ambições na vida ou na posteridade. (Pausa.) E nem sequer na posteridade!

LUIZA, á parte.

Pobre moço! E' uma mania!

NOVIÇO.

E então caiu o triste em si, e reconheceu bem o seu estado. Uma resolução profunda se lhe apoderou do espirito, e decidiu, uma vez que não podia reunir todos os amores, a sacrifical-os todos ao auctor delles, ao Senhor Deus!

LUIZA, á parte.

Está de todo resolvido.

NOVIÇO.

Deu por chegado o momento em que o Creador o chamou a si, e finou-se para o mundo....

DEODATO.

E então?

NOVIÇO.

Só lhe resta a fé na Bemaventurança, para lá em cima gosar eternamente da vista daquella a quem elle ainda não pôde deixar de amar.

LUÍZA, *descendo do alpendre.*

Que! Vós ainda lhe tendes amor?—Ah!
(*Com alegria.*)

NOVIÇO, *confuso.*

Senhora.... Devem os meus lábios ter
mentido.... Eu vou professar....

DEODATO, *enfadado.*

Era a mesma!—O'aguas sepultai essas
flores! (*Deita-as no rio, reparando nisso o
Noviço; mas não Luíza.*)

NOVIÇO, *à parte.*

Que vejo! Era ella!

LUÍZA.

E' pois de vosso consentimento que
outro....

NOVIÇO.

Outro! Ah! Isso não.... não. A vós...!

DEODATO.

Deus meu! Dai-me forças para resistir.

NOVIÇO.

Mas perdoai, senhora (*Abrandando a
voz*), que era o fel dos zelos que amargu-
rava os lábios.

(*Ouve-se ao longe o toque de Trindades:
Resam e benzem-se.*)

ABBADE.

Irmão, aproxima-se a hora da vossa
profissão.

NOVIÇO.

Obedeço.

(*Ambos saudam a Luíza, que beija o habito
do Abbade.*)

Scena Oitava.

Os DITOS, e varios INDIOS em uma canoa,
os que os cercam, prendendo um a Deodato,
outro ao D. Abbade, outro ao Noviço, que se
esforçam; logo CHICA.

OS INDIOS.

Uh! uh! uh! (*Dando todos um grande urro.*)

LUÍZA quer gritar, mas suffoca-se, e só profere:
A.... à.... à.... (*E' levada em braços pelos
índios, que a transportam á canoa.*)

CHICA, *saindo de casa.*

Aqui d'elrei! aqui d'elrei! (*E' levada
para a canoa.*)

NOVIÇO.

Grande Deus!—Se é de vossa vontade
morra eu ao pé della. (*Entran a canoa dos
índios.*)

DEODATO, *correndo também para a canoa.*

E eu também !....

ABBADE, *caindo de joelhos, no centro do thea-
tro, e olhando para o céu, então:*

Misericordia! meu Deus.

(*Respondem em coro os índios da canoa,
entoando um canto horrído com maracás, etc.;
copla 10.^a*)

CAE O PANNÓ.

ACTO SEGUNDO.

O Theatro representa na villa de S. Paulo, uma sala da casa de Bueno rente da rua. Uma porta ao meio do fundo, entre duas janellas. A' direita outra porta para um oratorio, e á esquerda outra para os quartos interiores. A sala decente; mas simples, com cadeiras de espaldar e sem braços.

Scena Primeira.

RENDON, só.

RENDON.

Zango eu com estes tempos assim revoltos. Ha muito que lá vai o meio dia, e nem meu sogro Amador Bueno, dono desta casa, aqui na villa, nem amigo algum dos que costumam ás vezes acompanhar-nos a jantar! Os principaes da terra em casa de Fernando Camargo; os outros em grupos pelas ruas, dizendo segredos; todos agitados como se estivera proximo o dia do juizo.... Não ha maior despropósito. Ai! ai! Porque não serão todos como eu, que sempre estaríamos em paz! (*Canta.*)

Si con la paz en la tierra
No se anda sin fatiga,
Cómo quieren que yo siga
Los cuidados de la guerra
Que los placeres destierra?
Que mande Sancho ó Martin
Que mas m'adelanta a mí?

(*Vê o Agente que espia.*)

Scena Segunda.

RENDON, e logo o AGENTE.

RENDON.

Entrae, entrae, companheiro....

AGENTE.

Que me daes por cá de novô?

RENDON.

Isso fique para logo.

AGENTE.

Que novas tendes, dizei-m'o?

RENDON.

Ora adeus. Que novas? Que mania é essa em um filho do Paraguay? Melhor fôra que vos occupasseis de vencer a resistencia de minha cunhada Luiza....

AGENTE, á parte.

Rei o Duque de Bragança! O Duque de Bragança Rei! E o Arcebispo de Lisboa a seu favor, o que nem sequer promette esperanças em um scisma! A Catalunha levantada, a Hollanda independente e propondo treguas: a Inglaterra guerreando-se com o soberano: a França ciosa da casa d'Austria; e Roma sem exercitos.... Sem a última razão dos reis, para não dizer a primeira! Não ha dúvida, Portugal ficará como a Hollanda independente.

RENDON.

E ahi estaes melancolico com vossos negocios d'Estado. Tomára eu já que decidam isto, seja como for, para ao menos ver a gente de melhor humor....

Scena Tercera.

Os DITOS, e AMADOR pensativo e de capa negra e espada, como segue até o fim.

RENDON.

Beijo-lhe as mãos, senhor meu sogro. A modo que não vindes satisfeito!....

AMADOR.

Porque depois de tanto tempo ficámos como no principio. Desejavamos apparecer logo em Camara todos concordes, e cada vez nos embaraçavamos mais.

RENDON.

Como?

AMADOR.

Os vossos compatriotas castelhanos sustentam que se não deve mudar de rei, visto que todos ao senhor D. Filipe prestámos juramento de fidelidade.

AGENTE.

E que dúvida?

(*Amador repara nelle, e o saúda friamente.*)

AMADOR.

Um partido maior defende que uma vez que se vai quebrar o juramento de homenagem a Castella, nada ganhámosem accla-

mar outro rei d'além do Atlantico; que devemos proclamar um governo em separado....

RENDON.

Esses ao menos são coerentes.... E vós de que opinião sois?

AMADOR.

Nem de uma, nem de outra. E achei-me quasi só em campo. Se meus pais eram de Hespanha, eu do Brazil sou filho, e cumpre-me zelar pela felicidade e futura glória do meu paiz. E essa felicidade, essa glória no porvir, só a poderá alcançar unido e compacto. Quem nos separar assassina-nos. O Marquez de Montalvão na Bahia, e Salvador Corrêa no Rio de Janeiro, já se declararam pelo novo rei chefe da casa de Bragança, que o povo proclamou com enthusiasmo; e esses não podem volver atraz; só nos cumpre seguir o seu exemplo, pois....

Scena Quarta.

Os DITOS, e o D. ABBADE, *palido e assustado.*

ABBADE.

Ah! Senhor! Soccorro, soccorro para vossa filha Luiza!

(*Alegra-se o Agente.*)

AMADOR.

Que succedeu?

ABBADE.

Foi assaltada e levada pelo indio bravo, e com ella se acha o Noviço, que devia hoje professar....

AGENTE.

Parece que a querem ter em refens para assegurar-se de vossas resoluções.

AMADOR.

A minha Luiza! (*Sae espavorido.*)

ABBADE.

Deus a proteja! (*Sae com Rendon.*)

(*O Agente os acompanha ate o fim da scena, olhando que direcção tomam.*)

Scena Quinta.

CARRASCO, e depois o AGENTE.

CARRASCO.

Veremos que quer de mim este visinho dos Pampas, que me pediu viesse aqui á casa de Amador Bueno. Que seria para meu interesse me mandou elle dizer. E era maxima de minha avó que quando se chamava com a voz: — Toma lá—era grande peccado não acudir. Provavelmente quererá encarregar-me, como outras vezes, de algum recado para D. Luisinha Bueno, que aliás, nenhum caso faz delle. Veremos. Com tanto que pague.... Abençoado aquelle Castelhana que compoz certa copla de minha affeição. (*Canta.*)

«Todo se vende este dia,
Todo el dinero lo iguala:
Las cortes venden su gala,
La guerra su valentia:
Hasta la sabiduria
Vende la Universidad.
Verdad?»

(*Sentindo gente e olhando.*) Mas calludal que elle chega!

AGENTE, *á parte.*

Bem: dali estamos inteirados. Agora vamos tratar de semear mais desunião no povo. (*Para Carrasco.*) Então, senhor Carrasco: sabeis as novidades?

CARRASCO.

Que na Bahia acclamaram rei o senhor Duque de Bragança, e que....

AGENTE.

E então, ha coisa mais fóra de proposito? O certo é que o povo daqui está já todo decidido a não fazer tal baixaza.

CARRASCO.

Todo?

AGENTE.

Quero dizer, dos homens honrados só faltaes vós a decidir-vos; mas julgo que não quereis ficar atraz, principalmente quando tantas recompensas vos esperam....

CARRASCO.

Eu cá desejava ser familiar do Santo Officio....

AGENTE.

Familiar só? Isso era antigamente; agora até Inquisidor, de um tribunal que necessitámos crear aqui....

CARRASCO.

Pois a isso. E' uma coisa em que eu já muita vez tenho pensado com os meus botões. Porque não havemos nós aqui de ter uma inquisição, quando a ha até em Goa? Com tanta lenha para as fogueiras, como se encontra por esses matos.... Mas dizeme, — estais bem seguro que havemos de triumphar?

AGENTE.

Ora adeus, se estou.... (*Á parte.*) Desgraçado! Que sacrifica a um emprego interesses vitaes do seu paiz!

CARRASCO.

E' porque a haver risco, eu, alem de ser Escrivão da Camara, ia expor-me a ficar sem um officiosinho em que estou encar-tado, e teria que ir viver para alguma to-ca de cupim a comer formiga tanajura tor-rada....

AGENTE.

Qual risco! Se a incumbencia que vos quero dar é tão innocente.... E' só a de andares por ahí a falar.

CARRASCO.

E pagaes-me ainda em cima? Tendes ho-mem.

AGENTE.

Pois ouve: toma dinheiro, e vai por esses magotes, que andam pelas ruas, e farta-os de cachaça.

CARRASCO.

Ah! Isso sei eu fazer bem: bebo com elles.

AGENTE.

Depois má lingua contra tudo, quem não for por esse meio, irá por bellas acções (*Faz signal de passar dinheiro*), e para algum traidor remisso, também sabereis puxar um gatilho....

CARRASCO.

Mandal-o-hemos para que façam delle um auto de fé, que é mais seguro....

(*Copla 1.^a*)

AGENTE.

Ou isso, isso. (*Carrasco vai-se, pondo lhe o Agente, a rir-se, as mãos nas costas.*) Tudo me corre ás maravilhas, que este é um excellent procurador da desordem. Quasi que sinto não ter mais negocios a advogar para me satisfazer con mais victórias.

Scena Sexta.

O *dito* AGENTE, e DEODATO com o NOVIÇO, trazendo ambos ás costas uma typôia, ou rede espetada n'uma vara, dentro da qual vem LUIZA, e CHICA atraz a pé.

AGENTE, á parte.

Que vejo! Minhas esperanças frustradas!

CHICA.

Ora graças, que estamos em terra de gente christã. (*Os dois curvam-se, e Luiza, ajudada por Chica, sae da rede.*)

LUIZA.

Com effeito, que dia tem sido este de hoje! (*Adoçando a voz.*) Mas foi um dia todo reservado para vossos triumphos, Deodato....

DEODATO.

Quiz o Ceu que eu vos podesse servir, senhora. Eu afrontaria mil vezes a morte, só por vos merecer; mas nem sequer m'arrisquei, graças áquelle ardil de que me vali....

LUIZA.

De ameaçardes os indios de lhes incendiar toda a agua de beber, como effectuaveis com o transparente e ardente licor da canna que lhes mostraveis convertido em labaredas na concha da mão.

AGENTE, á parte.

Falhou este recurso. Não falhará o dos alborotos. (*Vai-se.*)

LUIZA.

E meu pai? Onde estará?

NOVIÇO.

Ao D. Abbade vou pedir que lhe faça constar já já o vosso livramento. (*A'parte.*) Fr. André! Ao teu mosteiro que é chegada a hora! (*Vai-se.*)

LUIZA.

Que desorientado se foi! (*A'parte.*)

LUIZA (*voltando-se para Deodato*).

Pois não ha dúvida, Deodato, que adquiristes hoje com o meu reconhecimento, decididos votos do meu affecto. Sejam delles fiador este anel do primeiro ouro achado nesta terra. Esse anel será o penhor da minha palavra, e da de meu pai, por quem fico que approvará a minha resolução.

DEODATO.

Ah, senhora! Que prazer experimenta esta alma já cançada de tanto gemer no primeiro momento em que.... (*Luiza vai a ausentar-se.*) Como? Ausentais-vos? Pela primeira vez que me encontro mais a sós convosco? Senhora! Não precisa a vossa virtude de modestos recolhimentos para se recommendar.... (*Seguindo para ella.*)

LUIZA.

Deixai-me ir só aqui para o Oratorio desabafar com Deus, rendendo-lhe graças pelos beneficios que por vossa mão hoje me outorgou.

DEODATO.

Mas dai-me tambem um momento para eu desabafar primeiro convosco. Ah! Até agora que tormentos tenho passado! Deixai pois, deixai perante vós desfazer nestas lagrimas (*Limpando os olhos*) os suspiros que me estalam do peito, onde já não cabem. Ai, Luiza, dizei-me, chorastes alguma vez de amor? Sabeis quanto custa alimentar em silencio uma paixão?

LUIZA.

Sei, sei.... (*Procurando disfarçar o choro, escondendo o rosto, põe o lenço nos olhos.*)

DEODATO.

Ah! Vós tambem choraes.... Vossos olhos vertem o pranto da compaixão.

LUIZA.

Ah! Compaixão necessario eu que tenhaes de mim, meu hom amigo. Tenho-vos parecido cruel: não é verdade?

DEODATO.

Ah! Luiza! Sois um anjo! (*Vai á beijar-lhe a mão.*)

Scena Setima.

Os DITOS, e AMADOR, apressado.

AMADOR, entrando.

Minha filha! Ah! Respira, coração!

LUIZA.

Meu pai! (*Abraça-o.*) Aqui tendes o meu libertador. (*Grupo.*—*Copla 12.^a*)

ACTO TERCEIRO.

Pequena praça da villa de S. Paulo. Sobre o panno de fundo montanhas ao longe, e áquem um muro de quintal, detraz do qual pode haver arvores: ao meio do muro uma porta fechada. A direita a frontaria do mosteiro de S. Bento, com um reposteiro á porta em signal de festa: no reposteiro as divisas benedictinas do leão, etc. O chão juncado de folhas, como é costume. A' esquerda pôde haver alguma casa abarracada, e com janellas de rotulas que ábrem para fóra, fixando-se em cima. Diante desta girandolas de foguetes, com armações de fôgos de vista, etc.

Scena Primeira.

Gente de todas as côres, saindo e entrando no mosteiro, deitando á saída agua benta na testa. Outros que passam e tiram o chapéu. Dentro musica de Igreja e canto, como abafada pelas paredes, e tão esmerada quanto o permittam os recursos do theatro, podendo ser aproveitada do ultimo acto da Favorita. (Deve continuar brandamente, e sem impedir o dialogo, pelas tres scenas seguintes.) D. ABBADE e o NOVIÇO.

ABBADE.

Vamos: chegastes justamente a tempo para não darmos um escandalo.

NOVIÇO.

Perdão, padre.

ABBADE.

Deus vol-o concederá, em vista do vosso coração, Fr. André.

(*Copla 13.^a—Entram na Igreja.*)

Scena Segunda.

O AGENTE, *entrando*.

Bem: está aticado o fogo da discordia. E a estas horas já terá partido para o Paraguay a minha carta, pedindo força armada. Vejamos a copia (*lê*): «Tenho trabalhado noite e dia. Tentei por todos os modos captar Amador Bueno, o homem mais poderoso desta terra; mas resistiu a tudo, escapando-se até a filha de uma cilada que lhe armei com os indios. Entendi que a nossa politica deve consistir em proteger partidos novos, e fomentar a desunião, por isso mesmo que em contrário trabalha o mesmo Bueno. Agora

está-lhe preparada uma nova cilada, a que de certo não resistirá sua vaidade. Vamos aclamar-o rei: e é chegada a occasião de eu pedir tropa; pois apparecendo aqui justamente quando o arrefecimento do entusiasmo haja occasionado, com o tedio, escarneo ao tal rei....» (*Ao ouvir os vivas guarda a carta.*)

VOZES, fóra.

Viva! Viva! Viva!

Scena Terceira.

O AGENTE e POVO, e depois CARRASCO.

1.^o DO POVO.

Mas gente! Quem ha de ser?

2.^o DO POVO.

Seja lá quem for: viva!

TODOS.

Viva!

2.^o DO POVO.

Gósto disto, porque ao menos mostrá-mos poder: está em nossa mão a escolha.... Apre!

1.^o DO POVO.

Vá Amador Bueno. Vá Amador Bueno.

CARRASCO, *entrando*.

Ah! (*Tomando respiração.*) Estou cansado. (*Para o Agente.*) Tenho feito muitos serviços; muitos.

AGENTE.

Com que vai ser coroado?

CARRASCO.

Coroado? Isso é aqui o senhor Frei André. (*Aponta para o mosteiro.*) Bem se vê, pois se elle está a professar.

AGENTE.

Então são duas coroações: d'este que imagina dizer de todo adeus ao mundo, e

do outro que imaginará que vai gozar de todas as glórias e prazeres do mundo. (*Batendo nas costas de Carrasco.*) Vamos, que haveis de ter as recompensas....

CARRASCO.

Assim o espero, por graça de senhor Duque de Bragança, D. João 4.º, que m'o acaba de prometter Amador Bueno, votado em Camara para ir por nosso procurador à cõrte.

AGENTE.

Senhores! E havemos de consentir?

1.º DO POVO.

Nada! nada! Vamos acclamal-o já.

2.º DO POVO.

E' o que eu ia a propor.

AGENTE.

E que é isso, senhor Carrasco? Já mudastes de opinião?

CARRASCO.

Mudar? Eu cá sou homem de bem.

AGENTE.

Sim, quereis ir com os que triumpham....

CARRASCO.

Pois então? Conspirador seja você, senhor Gaúcho com um dom emprestado. Um pretendente á graça do Santo Offício não o deve ser.

1.º DO POVO.

Real, real.

Por um nosso natural.

CORO.

Real, real, etc.

2.º DO POVO.

Pelo nosso natural Amador Bueno.

CORO.

Real, real, etc.

CARRASCO.

Não póde ser: elle não quer. Já na Camara o pretendiamos acclamar rei, e elle fez calar tudo.

2.º DO POVO.

Qual não quer!

CORO.

Quer queira, quer não!

CARRASCO.

Bem se lhe dá a elle do que vocês dizem: já se determinou que saísse bando para a acclamação do senhor D. João 4.º—e para haver *Te Deum* e luminarias, e daqui a tres dias touros e cavalhadas.

AGENTE.

Sim, sim, tudo isso aproveitará a favor de Amador Bueno.

1.º DO POVO.

Vamos buscal-o!

TODOS.

Vamos!

CARRASCO.

Pois vamos. Eu por mim.... como elle é meu amigo.... Por aqui! (*Quer abrir a porta do quintal no fundo, mas encontra-*

fechada.) Está fechada! E' o mesmo, iremos de volta. (*Vão-se.*)

Scena Quarta.

DEODATO, e AMADOR (*que sae*) interrrompendo-os, abrindo a porta do quintal, e com a espada na mão, dizendo:

AMADOR.

Viva elrei D. João 4.º! (*Segue para a porta da Igreja, onde repara em Deodato, e continúa:*) Acudi-me, Deodato, que este povo não desiste de suas imprudentes idéas. Ide-me chamar os principaes do Concelho, que estarão ainda em Camara.... Ide quanto antes. (*Entra no mosteiro e fecha a porta por dentro: a musica cessa. Deodato sai apressado. Ouvem-se os sinos que tocam a rebate.*)

Scena Quinta.

Os POPULARES, e CARRASCO com o AGENTE.

CARRASCO, dentro.

Lá saíu pela porta do quintal!

1.º DO POVO, dentro.

Viva elrei, Amador Bueno!

TODOS, dentro.

Viva!

CARRASCO, entrando com o Agente e mais povo.

Então que é isso meu curador? Agora no momento decisivo é que nos ieis deixando!

AGENTE, confuso.

Deixar-vos? Quem? Eu?

1.º DO POVO.

Viva Amador 1.º!

TODOS.

Viva! (*Chegando-se á porta do mosteiro.*)

2.º DO POVO.

E se não sae, vá a porta dentro....

CARRASCO.

Nada, isso não: nada de faltar ao respeito á comunidade.... (*Olhando para fóra.*) Oh! Que rancho que vem ali! São os meus collegas da Camara, juntamente com Pascoal Leite, Fernando Camargo.... Ui! também Balthazar Fernandes....

Scena Sexta.

Os DITOS, e DEODATO e mais seis comparsas; logo depois uma cadeirinha, conduzida por dois negros de libré, da qual se apéam CHICA e LUIZA; depois os FRADES e AMADOR: a cadeirinha se retira.

UM dos comparsas que chegam.

Que é isto, senhores? Que alborotos são estes?

1.º DO POVO.

Não é nada comvosco.

CARRASCO.

Já queria!.... *(Deodato se avança, e vai bater á porta do mosteiro.)*

2.º DO POVO.

Viva Amador 1.º!

VOZES.

Viva!

(Abrem-se as portas do mosteiro, e apparece o D. Abbade.)

ABBADE.

Meus irmãos, mais prudencia, mais prudencia. Ouvi primeiro a voz do homem honrado que proclamaes, e depois o sentenciareis se lhe não achardes razão. Presentes estão as pessoas respeitaveis da terra: aproximai-vos, senhores; vinde todos calmar este povo, e fazer que prestem attenção.

VOZES.

Attenção! Attenção!

(Saem fóra varios frades, e o Noviço ultimo delles, depois o mais povo que entrára na Igreja: logo Amador, que procura um logar central.)

AMADOR.

Compatricos! Attendei-me!

2.º DO POVO.

Viva o desinteressado rei americano!

VOZES.

Viva!

1.º DO POVO.

Real, real.

Por um nosso natural.

CORO.

Real, real, etc.

2.º DO POVO.

Viva Amador.

Por nosso Imperador.

VOZES.

Viva! Bravo! Bravo!

CORO.

Viva Amador, etc.

AMADOR.

Compatricos! Eu pedi para ser escutado.

VOZES.

Attenção! Attenção!

VOZES.

Psui! Pxiu! *(Socega tudo: cabeças apinhadas e com curiosidade de ouvir: quando tudo serena começa Amador, sempre mui pausado.)*

AMADOR.

Honrados patricios! Desejava falar-vos em tom forte, e que movesse vossos corações; mas chego a recear que mal serei escutado, quando sinto as faces humedecerem-se-me, e a voz tomada, e com a prisão que as lagrimas occasionam. Mas estas lagrimas vos dirão, mais do que as minhas palavras, a commoção de que me sinto

possuido pelos vossos brios de cavalheiros, quando estaveis promptos a arrostar os males de uma guerra impossivel de sustentar, desenvolvendo tão precozmente o nobre espirito de independencia. Mas nem eu, nem patricio algum nosso, pôde servir-vos de instrumento.

VOZES.

Póde! Póde!

AMADOR.

Disse-vos que é impossivel, e repito-vos, é impossivel. Amador Bueno nunca acceitará esse titulo, que lhe não pôde caber, apezar do vosso entusiasmo; e se um instante a elle se submettesse, seria só para assignar um decreto declarando traidor á patria e hostil á prosperidade da America, qualquer outro que neste seculo 17.º o houvesse de acceitar. E a um tal decreto seguiria logo o de sua abdicção no principe de sangue a quem compete a corôa.

DEODATO, á parte.

Ah! Se eu me via ainda principe! *(Para Amador.)* Mas quê, senhor, receiaes? Não vedes quanto é defensavel esta provincia, que basta occupar o passo da serra para ninguem cá entrar? Venham todos os exercitos do mundo, que S. Paulo repetirá o exemplo das Thermopylas....

AMADOR.

Sim; mas depois?....

DEODATO.

E não attendeis, que esta corôa vale o dobro das herdadas? Que sois o unguido deste povo, que entusiasta e livre vol-a offerece?

AMADOR.

Mas é um povo que ainda não tem homens feitos para todos os cargos da república, Deodato! Em toda a nossa civilização dependemos ainda das idéas, da instrucção, e até dos colonos da Europa.

DEODATO.

Ah! Senhores, faremos então que venham colonos para nossas terras. Abrir-lhes-hemos nossos braços, conceder-lhes-hemos todas as regalias. Sim, aqui daremos guarida á civilização descontente e cansada do mundo velho. Os suecos inimigos de Christina, os inglezes, feis á realza, que parece vão sendo vencidos.... Os francezes, perseguidos pelo cardeal de Richelieu, e esses honrados allemães que nadam ha mais de vinte annos n'uma guerra de religião....

AMADOR.

Oxalá que nos viessem todos para cá; tendes razão; mas quanto ao mais, ainda sois moço e sem experiencia. Não é Amador Bueno quem vos poderia servir de rei, que elle não nasceu para passar de uma

honrada mediania: os mesmos que hoje o exaltam, amanhã o derrubarão; e teríamos apenas com isso ganho a nossa desunião em vida, e a mofa dos outros, e até o 'escarneio da posteridade sobre nós.

ABBADE.

Homem conhecedor do mundo!

DEODATO.

Porque se duvidásseis por achardes poucas as terras destes povos que vos aclamam, poderíamos com o nosso entusiasmo, commandando milhares de índios, conquistar todas as colonias adormecidas desta America, e apossar-nos até das ricas minas do Potosi, que fariamos render o dobro, ajudados por mineiros industriais que para cá chamássemos. Tudo que vai desde o Prata até o Amazonas, ou desde o Estreito de Magalhães até a terra dos Corte-Reaes, tudo poderíamos conquistar.

AMADOR.

Sim, mas no fim das conquistas a coroa na minha cabeça não vos poderia dar a paz e a felicidade! Um throno ha mister bazeis solidas sobre que assente, e uma coroa só pode servir na cabeça que já para ella nasceu formada. Os reis são na terra uma familia á parte de nós; reinam não só pelo esplendor que herdaram de seus maiores, mas também pelo da sua familia,—dos mais reis, que todos elles se protegem como parentes que são entre si.... E são inviolaveis e sagrados por Deus! Estão acima de todos os partidos; pairam n'outra atmosphera mais livre de ambições e de paixões más do que a nossa, e não se podem crear ficando os seus parentes peões, Deodato....

ABBADE.

Diz bem! Diz bem!

AMADOR, *continuando*.

Meus patricios, não queiramos forçar, não, a epocha que um dia nos ha de chegar. Já elrei de Castella queria ceder de todo este Estado ao herdeiro da casa de Bragança, com tanto que desistisse elle dos direitos a essa nesga de territorio na Peninsula, e já se nos escreve de Lisboa que o novo rei D. João tem projecto de mandar que o seu herdeiro se intitule príncipe deste Estado do Brazil. E então esperemos. Andemos de vagar para subirmos ao pinaculo sem riscos nem fadigas. Algum dia, quando o Deus dos profetas marcar no livro dos destinos, teremos um rei ou titulo maior, se maior o houver na terra! Mas até esse dia procuremos continuar a viver em paz, cultivando nossas roças, aformoseando nossos sitios e chacras, e educando nossos filhos....

VOZES.

Tem razão! Tem razão!

AMADOR.

Tenho razão, tenho; vós mesmos m'achaes. Pois concluo: recebamos por nosso rei o herdeiro dos reis que fizeram descobrir e colonisar estas terras: e quando elle ou seus successores se esquecerem de nós, mandemos-lhe procuradores expor-lhe nossos direitos. Foi o que este povo pelo seus representantes acabou de concordar....

AGENTE.

Que ides a decidir, senhores? Consentis que se vos diga, que tão ignorantes sois que não ha entre vós quem vos governe? Não tendes um homem só, tendes muitos. Podeis aqui organisar uma republica tão florecente como n'outro tempo a de Veneza, ou ainda como a actual da Hollanda. Porque não proclamaes a igualdade?

UM DO POVO.

Sim: sim: viva a igualdade!

VOZES.

Viva!

AMADOR.

Que fazeis, senhores? Quereis estão vós (*para o Agente*) com uma só palavra tão bella como enganadora perder este bom povo, e sepultal-o na anarchia? Amigos. Não nos é dado a nós igualar o que Deus desigualou. Poderiam jámais quaesquer leis terrestres igualar o tigre á inoffensiva cotia? Ou a rolinha que geme ao milhafre que a arreбата, estrangula e devora? Se sois iguaes aos índios, para que sustentaes sua escravidão? Que proclame a igualdade na terra a cobra cascavel para mais á vontade administrar a sua peçonha, entendendo; mas os que não devem....

CARRASCO.

Não temem, é verdade. Pois nada, não queremos isso. Senhor D. Guarani (*para o Agente*), você é uma boa réz. Finge-se amigo, quando teme perigo maior.

NOVIÇO, *avancando-se*.

Real, real, real,

Por D. João, rei de Portugal!

AMADOR.

Viva el rei D. João 4.º!

TODOS, *menos o Agente*.

Viva!

NOVIÇO.

E viva quem ha de ir por procurador á corte! (*Vollando-se para Amador.*)

TODOS.

Viva!

AMADOR.

Isso agora sim; muito prompto.

TODOS.

Viva!

NOVIÇO, *sempre rápido e entusiasta, levantando a voz e avançando*.

Senhores, sinto-me renascer com uma

vida nova! Eu, que já via toda acastelhada, toda escravizada ao estrangeiro esta minha terra, que a natureza fizera tão livre em seus campos dilatados, vejo que vai hoje a ser de novo regida pelos sucessores dos reis de meus avós, e libertada da influencia dessa orgulhosa nação estrangeira. Ah! Já descubro diante dos olhos um futuro com portas douradas de glória, as quaes tenho ambição de abrir, para ver a immortalidade, que está além dellas. E quanto tempo não tenho já perdido para a conquistar? Já este peito está livre da oppressão que sobre elle pesava, que o fazia esmorecer, e lhe tirava o ardor marcial; e que por instantes o ia fazendo sepultar em vida!—D. Abbade, dizei-me, ainda estou livre, não é assim?

ABBADE.

Que fazeis, irmão?

LUIZA, *à parte*.

Que diz elle?

NOVIÇO.

Pergunto se ainda não professei?

ABBADE.

Ainda não tinheis consummado os votos.

NOVIÇO.

Pois bem: um coração que já bate pela patria, como o meu, e um peito guerreiro como aquelle com que me sinto; não cabem n'uma cella: precisa um do mundo todo para se dilatar: elle é grande; Deus ainda maior, para atravez delle me guiar; precisa o outro de inimigos para combater: não faltam castelhanos na Europa e hollandezes em Pernambuco, para contra elles adquirir glória.

AGENTE, *à parte*.

Se não ficar morto no primeiro combate!

NOVIÇO, *continuando*.

E precisam um e outro de uma dama para desposar. Uma dama? Ai de mim! que nisso sou desgraçado! N'outro tempo amei muito, muito uma illustre donzella (*Olhando para Luiza, que se mostra sobresaltada*); mas essa.... essa....

LUIZA.

Sempre vos amou, ainda vos ama, e vos amará para sempre.

DEODATO, *à parte*.

Que ouço!

NOVIÇO.

Oh, dia de completa ventura! Deus meu! porque me não déstes muitas almas para gosar desta multiplice felicidade?

(*Luiza e o Noviço: copla 14.^a*)

ABBADE.

Que filho digno perde a ordem benedictina!

DEODATO, *à parte*.

Deus meu, tende misericórdia de mim!

AMADOR.

Que fazeis, senhor André Ramalho? E tu, minha filha? Não sabes que a tua mão já pertence a outro, que ambos promettemos, e que já nem tu nem eu podemos dispor della?

DEODATO.

Mas posso eu, senhor Amador Bueno. Este anel feito do primeiro ouro achado nesta terra, foi-me dado como penhor dessa palavra, que tão bem sabieis sustentar. Eu o entrego áquelle a quem era destinado, e que só pela sua renúncia revertia para mim. (*Entrega o anel a Ramalho.*)

LUIZA e NOVIÇO.

Que generosidade!

DEODATO.

E então cumpram-se agora em tudo os desejos de meus pais. Quem amou um anjo do Ceu, que me soube inspirar a fé e o amor em Deus, já não pôde amar senão ao mesmo Deus. D. Abbade, tendes em vosso poder um breve de Roma que me dispensa o noviciado. Poderei ir agora occupar o logar daquelle que vai occupar o que já considerava meu?

ABBADE, *com unção*.

O nosso mosteiro vos recebe com as portas tão abertas, como desejo achemos todos as do Ceu na hora do passamento. E eu vos rendo graças, Senhor Deus (*Levantando os olhos e pondo as mãos*), que tão bem regulaes o equilibrio das cousas do mundo! Incompreensíveis são os teus mysterios. Ora pois, seja feita a tua vontade assim na terra como é no Ceu.

Scena Setima e ultima.

Os DITOS, o FEITOR negro, um CAPITÃO DO MATO, seguido dos indios bravos do acto 1.^o, e com uma carta aberta na mão, e dirigindo-se ao AGENTE.

FEITOR.

Traição! Traição! Morra o traidor! (*Agarrando o Agente.*)

AMADOR.

Que é isso? que temos?

FEITOR.

Esta carta (*Amador recebe-a e vae logo lendo*) deste miseravel, que foi encontrada n'um assalto dado pelo Capitão do matto que está presente á canoa dos que a levavam para o Paraguay: estes indios já confessaram tudo.

UMA VOZ.

Morra!

VOZES.

Morra!

(*Coro da copla 15.^a*)

CARRASCO.

Nada, aqui não; n'um auto de fé, n'um auto de fé....

AMADOR, *dobrando a carta*.

Moderação, meus patricios, moderação; pede-vos o vosso amigo, amigo e nada mais.... (*Para o Agente.*) Tomai a carta, que é vossa, e remettei-a; mas accrescentando que Amador Bueno teve o desapego e a discrição de não acceitar essa corôa em que fundaveis as vossas esperanças, e

que este povo foi assaz generoso para vos perdoar tantas traições, sob a unica pena de resignardes para sempre o pisar o seu territorio. Por outra: sede vós mesmo o portador da carta.

AGENTE, *confuso*.

Eu temia que o povo....

AMADOR, *muito pausado*.

Desgraçado! Não temais os homens: te-me a Deus! (*Acenando para cima.*)

FIM.